

Representações do turismo brasileiro nas páginas dos jornais paulistanos Folha da Manhã e Folha da Noite (1930-1945)

VALERIA LIMA GUIMARÃES*

Introdução

Este artigo apresenta algumas das reflexões que estão sendo desenvolvidas na produção de minha tese de doutoramento que trata do desenvolvimento do turismo em perspectiva comparada, no Brasil e na Argentina, entre os anos de 1930 e 1945, sob a orientação do Prof. Dr. Victor Andrade Melo, no Programa de Pós-Graduação em História Comparada da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

O interesse dos historiadores pelo turismo, até bem pouco tempo inexpressivo, vem ganhando fôlego nos últimos anos no cenário mundial a partir da grande visibilidade que o fenômeno turístico conquistou nas duas últimas décadas. No Brasil, surgem interessantes trabalhos acadêmicos que se propõem a analisar o turismo sob o viés da história e das ciências sociais, como os de Celso Castro (1999), Leitão Camargo (2007), André Daibert (2010), Hernán Marcelo (2011), Isabela Perrota (2011).

Procurando contribuir para o desenvolvimento desse novo campo de estudos para o historiador assim como chamar a atenção dos turismólogos para a História como mais um saber relevante para os estudos multidisciplinares que dão suporte à pesquisa acadêmica em turismo, este trabalho tem como objetivo analisar as representações sociais acerca do fenômeno turístico nas páginas de um importante jornal, que circulou em duas edições – matutina e vespertina – na cidade de São Paulo, num período em que o turismo ainda dava os primeiros passos para a sua organização no país. Por meio da análise da Folha da Manhã e da Folha da Noite (aqui tratados somente como “Folha”), que na década de 1930 já era considerado um jornal de grande circulação, com tiragem superior a 30.000 exemplares, pertencente ao mesmo grupo representante dos interesses da oligarquia paulistana, é possível conhecer quais as representações sociais a respeito desse fenômeno que se desenhava juntamente com a modernização brasileira, quais as

* Professora do Departamento de Turismo da Universidade Federal Fluminense; doutoranda do Programa de Pós-Graduação em História Comparada da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Contato: valeria@turismo.uff.br

expectativas das vozes manifestas nesses jornais em relação ao turismo e quais os interesses por elas advogados.

O desenvolvimento das modernas tecnologias da informação e comunicação (TICs) vem proporcionando ao historiador novos recursos para a pesquisa, assim como complexificando a sua análise, tendo em vista o acesso a um volume muito mais amplo e diversificado de informações. Em 2011, por ocasião das comemorações dos 90 anos do jornal Folha de São Paulo, foi disponibilizado aos pesquisadores um arquivo digital de todas as edições da Folha que, desde a década de 1960, passou a circular uma única vez por dia e foi rebatizada de Folha de São Paulo.

O minucioso trabalho de consulta a essas fontes jornalísticas exigiu um grande fôlego para dar conta de um volume bastante significativo de informações. O procedimento metodológico adotado partiu da consulta virtual à Folha, tratada aqui como fonte e objeto de pesquisa, com a utilização da palavra “turismo” no mecanismo de busca. Imediatamente foram apresentados mais de 127 mil registros da expressão, publicados entre os anos de 1921, ano de fundação do jornal e 2011, data da consulta. Na página digitalizada, a palavra pesquisada surge destacada em vermelho, atraindo o olhar diretamente para a matéria correspondente e quase traindo a atenção exclusivamente para si. Não fosse a curiosidade comum aos historiadores e às questões de método referentes à crítica interna do documento, escapariam ao olhar outras matérias de grande relevância para esta pesquisa que também continham ou não a palavra “turismo”, mas que não foram identificadas com o uso da ferramenta.

A Folha possuía uma coluna chamada “Jornais do Rio”, onde divulgava um resumo das principais matérias publicadas nos periódicos da capital. Com isso, foi possível recorrer às publicações originais, em microfilme, na Biblioteca Nacional, tomando nota das referências apontadas na Folha e verificar quais as ênfases e os silêncios dados pelo jornal paulistano às matérias dos jornais da capital no tocante ao turismo e poder estabelecer parâmetros de comparação entre eles.

A própria apresentação dos resultados da busca virtual nos arquivos da Folha, disposta por décadas, é um indício revelador do progressivo desenvolvimento do turismo brasileiro, sem que, contudo, essa idéia seja absolutizadora, pois durante a leitura das matérias, outras não apontadas pelo mecanismo de busca também foram encontradas, como já referido. Mesmo sendo possível admitir esses lapsos no

funcionamento da ferramenta (o que não inviabiliza as análises qualitativas e também as quantitativas), o uso de acervos digitalizados se revela um instrumento extremamente útil para o pesquisador, permitindo o acesso a um volume e à qualidade de informações que não seriam possíveis consultar manualmente no meio físico dentro das balizas temporais da pesquisa de doutoramento.

A leitura e análise do jornal paulistano baseou-se no trabalho de Tânia Regina de Luca (in: PINSKY (org.), 2005) acerca da utilização de periódicos como fonte de pesquisa para o historiador. Foram considerados: a materialidade do documento, o lugar de produção da fonte, a sua linha editorial, as diferentes visões dentro do mesmo periódico, a forma de organização interna do conteúdo, o posicionamento da matéria e da iconografia e suas funções cumpridas na publicação, a identificação do perfil do público leitor, os adjetivos empregados e as filiações político-ideológicas, as fontes de receita, enfim, uma série de questões problematizam e conferem historicidade à fonte, relativizada e interpretada à luz de todas essas implicações, negando-se a ótica sobre a qual o jornal é entendido como um “mero ‘veículo de informações’, isento de parcialidade e distanciado da realidade político-social na qual se insere (CAPELATO e BRAVO, 1980, p.19).

A emergência do turismo como um novo marco civilizatório moderno nas páginas da Folha

Entre 1921, ano em que a Folha começou a circular, e 1924, foram encontradas somente 10 ocorrências para o termo “turismo”, que ainda não era de uso corrente na língua portuguesa, sendo mais comuns as expressões “viagem de recreio” e “excursionismo”. Entre 1924 e 1934 foram detectadas 1441 ocorrências, boa parte delas referindo-se a anúncios e matérias sobre os automóveis modelo “turismo”, uma das maravilhas da modernidade e objeto de desejo dos leitores do jornal. As corridas nos carros modelo turismo compunham uma categoria esportiva nas competições de automobilismo e também de aviação (os *reids* ou *raids* de turismo), onde participavam a fina flor da sociedade brasileira e também competidores estrangeiros. A partir de meados da década de 1920, São Paulo convertia-se numa “arena experimental de homens e máquinas” (SEVCENKO, 1992). A excitação das mentes e dos corpos com as

práticas esportivas combinadas às frenéticas máquinas de velocidade da modernidade, conferia a sensação de força, vitalidade, progresso e civilização e era por esse caminho que o turismo adentrava as páginas da Folha, ocupando as páginas esportivas, ao lado do turfe, do futebol, do remo, da natação, do excursionismo e do escotismo.

No jornal, a sociedade paulistana ficava sabendo das viagens realizadas pelos participantes dos *raids* automobilísticos em todas as categorias, inclusive a de turismo, que exigia do competidor mais resistência às dificuldades enfrentadas em percursos mais longos, que por vezes levavam alguns dias para serem completados. Os participantes emprestavam a essas competições e às excursões (ou travessias) automobilísticas que organizavam para “desbravar” o interior paulista, seguindo o espírito “bandeirante”, o seu prestígio social, ao mesmo tempo que por meio delas conquistavam admiração pública e status ainda maiores.

Além disso, havia uma seção diária que fazia a divulgação dos roteiros e meios de transporte utilizados por ilustres viajantes que chegavam ou partiam das cidades de São Paulo ou de Santos. Esse não era um atributo exclusivo da Folha. Também o Jornal do Brasil trazia uma seção dando notabilidade a essa distinta categoria de viajantes por prazer, enaltecendo as características dos modernos navios ou aviões que os transportavam, ressaltando o luxo e o conforto, como símbolos de status.

Na década de 1930, à medida em que as práticas turísticas vão cada vez mais se intensificando juntamente com os novos valores sociais (dentre eles as mudanças estéticas, a urbanização, a aceleração do tempo, a valorização do tempo livre e do lazer público), a Folha passa a dedicar ao turismo novos espaços nas duas edições de seu jornal. A percepção do crescente prestígio que o turismo vai conquistando entre os segmentos mais abastados da sociedade brasileira e da nova burguesia nascente, os interesses de uma nova “indústria” que vai se constituindo, criando facilidades para esse novo viajante a lazer ou para recuperação da saúde (ou as duas motivações juntas), influenciaram num reposicionamento do turismo nas páginas do jornal, deixando de ser uma presença constante na seção de esportes para ocupar outros espaços das duas edições do periódico, inclusive a capa, em algumas ocasiões. Adentrando pelo domínio acidentado do cotidiano, como propõe Velloso (1996, p. 209), é possível “verificar por meio de que “idéias, imagens e linguagens se exprimia o moderno”. O espaço cada vez

maior conferido ao turismo nas páginas da Folha, com toda clareza, era uma dessas manifestações do moderno.

Entre 1935 e 1945, nas páginas da Folha, são vistos com grande frequência os anúncios das viagens promovidas pelas agências de turismo, como a Mappin, a Exprinter, a Novat S.A. e a Brasiltur, responsáveis por parte das 2412 páginas em que a palavra “turismo” foi identificada pelo mecanismo de busca eletrônica do jornal aplicada ao decênio em questão. Alguns desses anúncios ocupavam duas colunas de página inteira do jornal. Além das agências, hotéis, restaurantes, lojas de moda, modelos de máquinas fotográficas, binóculos, malas, sapatos, companhias de navegação oferecendo conforto e facilidades eram anunciados como produtos e serviços indispensáveis ao turista moderno, contribuindo para aumentar a arrecadação do jornal com a publicidade. Em muitos casos, os produtos e serviços oferecidos por esse novo “*trade* turístico” em formação eram objeto de pautas nas páginas principais do jornal.

Ao lado dos novos negócios turísticos que se apresentavam, o jornal também dava destaque às iniciativas dos nascentes birôs públicos e privados de turismo. Relatórios das reuniões dos órgãos públicos de turismo federal, dos municípios e das províncias do Rio de Janeiro e de São Paulo, decisões administrativas tomadas pelo Touring Club, a expectativa para a chegada dos monumentais transatlânticos na costa brasileira, os preparativos para o carnaval no Rio e em São Paulo e as várias feiras de amostras realizadas durante o Estado Novo, projetando-se a importância do turismo nesses grandes eventos, eram alguns dos novos temas que inspiravam as pautas do jornal e revelavam suas aspirações acerca da modernidade e do papel do turismo em relação ao futuro da cidade de São Paulo e do país.

Concordando com Sirinelli (in: RÉMOND (org.), 1996) e De Luca (in: PINSKY (org.), 2005), os jornais – assim como as revistas – são empreendimentos que congregam um conjunto de indivíduos em torno de idéias, crenças e valores a serem difundidos pela palavra escrita. O turismo, assim, passa a ser incorporado ao discurso da Folha nas matérias jornalísticas não assinadas, editoriais, artigos de opinião, crônicas escritas por conhecidos nomes da literatura brasileira, como Rubem Braga, José Lins do Rego e Marques Rebelo [sic], havendo espaço também para o contraditório, embora o discurso majoritário no jornal atribuísse ao turismo um papel de grande relevância econômica e social.

Um tema recorrente entre os escritores e articulistas do jornal que abordavam o turismo era a queixa da falta de organização da atividade turística, seja nos comentários ácidos e em muitos casos irônicos que encerravam os editoriais referentes ao turismo, ou na divulgação dos resultados financeiros obtidos pelos principais países receptores do turismo internacional, a quem o Brasil deveria se inspirar para melhoria da infraestrutura turística do país, aumentar a sua receita com a atividade e alcançar padrões desejáveis de desenvolvimento e civilidade. A crença de que o turismo promoveria o urbanismo, estimularia a criação e melhoria das estradas e atrairia volumosas somas de capitais, uma vez que o turista era imaginado como um indivíduo de posses, viajando em luxuosos transatlânticos ou no seu automóvel de turismo, predominava ao longo da década de 1930.

No auge dos cassinos espalhados pelos hotéis balneários e pelas estâncias climáticas do país, que funcionaram dentro da legalidade até 1946, o jornal posicionava-se em seus editoriais contra a liberação do jogo de azar no Brasil, exceto se praticado pelos turistas, pois, como imaginava, estes deixariam sobre o pano verde vultosas quantias, contribuindo para o desenvolvimento da nação. “Não há dinheiro que vá dar tão depressa aos canais do comércio quanto o dinheiro que o turismo despende”, escreveu o jornal, no editorial, intitulado “Os Estados Unidos e o turismo”, publicado à página 2, em 7 de janeiro de 1938.

Na coluna “Jornais do Rio” eram cada vez mais freqüentes as reproduções de matérias sobre turismo – no todo ou em parte – publicadas nos jornais da capital, dentre eles o Correio da Manhã e o Jornal do Brasil. A Folha, que fazia oposição aberta ao governo Vargas, tendo apoiado a Revolução Constitucionalista de 1932 e sofrido empastelamento e censura por diversas vezes, encerrava as reproduções das matérias dos jornais da capital com comentários críticos sobre a ineficiência do poder público no fomento do turismo brasileiro e sobre o desconhecimento do potencial turístico do país. Em outras matérias denunciava o abandono de antigos balneários de prestígio, como o Guarujá e a falta de investimentos no turismo paulistano, ressaltando iniciativas como a promoção de passeios turísticos pela municipalidade em Bertioga, a instalação do birô santista, paulistano e campineiro do Touring Club.

Mas nem sempre a Folha mostrava-se crítica ao Estado ao referir-se às políticas que tangenciavam (ou a falta delas) o turismo. O jornal ajudou a delinear o perfil do

turista indesejável, temido pela possível influência de idéias perigosas, pela possibilidade de ser um imigrante ilegal ou pelo seu baixo poder aquisitivo. Durante a década de 1930, o turismo foi parar nas páginas policiais da Folha: as constantes deportações de estrangeiros, identificados como “falsos turistas” pela Seção de Turismo da Secretaria de Segurança Pública, viravam notícia. Os nomes dos “turistas indesejáveis” apreendidos e à espera de deportação passaram a ser publicados acompanhados de outros juízos de valor, principalmente após a publicação do Decreto-Lei n.º 406, de 1938, que dispunha sobre a entrada de estrangeiros no território nacional e que imputava àqueles que pretendessem ingressar no país como turistas uma série de exigências burocráticas, dentre elas passaporte autenticado, prova de idoneidade, atestado de saúde e atestado de vacina antivariólica. Além disso, mesmo com a documentação em ordem, conforme o Artigo 113 do referido Decreto, estavam proibidos de entrar no país estrangeiros que possuíssem ligações políticas com movimentos “anarquistas, terroristas, extremistas e congêneres”, os “ciganos e congêneres”, os portadores de doenças infecto-contagiosas, dentre as quais acreditava-se figurar o câncer.

Nas páginas da Folha, o turismo era visto como a solução para o desenvolvimento econômico da nação, para a modernização do país e para a aceleração do seu processo civilizatório. O objetivo principal das matérias e das críticas dos editoriais era fomentar o debate acerca do desenvolvimento do turismo na cidade de São Paulo, exaltada como “a capital bandeirante do trabalho”, sempre tendo como parâmetros: 1) o Rio de Janeiro, percebido como “a cidade do lazer e do turismo”; 2) os principais países receptores do mundo, como França, Espanha, Suíça, Itália e Alemanha; 3) os principais países emissores, como os Estados Unidos. Essas nações eram projetadas como exemplos de modernidade e de excelência na gestão pública do turismo, sendo também citadas, com menos frequência, as iniciativas do governo português, comandado por Salazar, no desenvolvimento do turismo nacional. Não faltaram elogios também à política do Reich e à Itália fascista na condução do turismo social nesses estados, entendidos pelo jornal como aquela modalidade de turismo voltada para jovens de baixa renda que teriam a oportunidade de realizar o exercício cívico de conhecer a pátria.

Progressivamente se percebia uma adaptação do jornal aos tempos do turismo de massa que se anunciavam. Por volta de 1938 começam a surgir matérias atestando que o perfil do turista doméstico e do turista internacional em viagem ao Brasil estava mudando, uma vez que os endinheirados turistas, que faziam viagens longas ao exterior estavam “em extinção”, como era constatado recorrentemente pelo jornal.

A popularização do turismo era uma tendência cada vez mais próxima, que se fez sentir nas páginas do jornal tanto na constatação da importância da redução dos preços dos serviços turísticos, tornando-os mais acessíveis, quanto nas facilidades de comunicação e transporte. Também os direitos sociais adquiridos (como as férias remuneradas) e os anúncios publicitários de pacotes turísticos mais baratos, com viagens mais curtas (alguns *tours* anunciados até meados da década de 1930 chegavam a levar 91 dias) e com facilidade de pagamento parcelado sem acréscimo de juros, foram incorporados ao discurso oficial do jornal. Um dos exemplos mais interessantes é a ampla cobertura dedicada pelo jornal às iniciativas do Departamento de Turismo do Centro do Professorado Paulista, que promovia excursões pelas capitais e por países vizinhos, como a Argentina, levando os docentes a conhecer novos lugares que inspirariam suas aulas, ao mesmo tempo em que lhes oportunizaria agradáveis experiências de lazer pelo turismo.

Esse novo perfil de turista que se desenhava era compatível com as transformações ocorridas no cenário turístico mundial: as camadas médias urbanas começam a viajar em suas férias e é para elas que as matérias da Folha passariam a ser direcionadas.

Palavras finais

Nas páginas da Folha foi possível conhecer o percurso feito pelo turismo entre as décadas de 1920 e 1940, observando-se seu progressivo movimento da seção de esportes, quando esteve, nos primeiros anos de existência do jornal, identificado às competições envolvendo máquinas e velocidades, até a sua percepção como um novo setor econômico e como uma nova prática moderna que extrapolava o meio esportivo e ganhava cada vez mais status entre os segmentos política, econômica e socialmente privilegiados daquela que já era considerada a maior cidade capitalista do Brasil. O

turismo assim, assumia um lugar de destaque em várias seções do jornal, inclusive nos editoriais e na primeira página.

Se nos primeiros anos da década de 1930 a Folha dirigia-se ao turista sofisticado, afeito ao luxo, ao conforto e às modas estrangeiras, projetando o imaginário do jornal acerca da modernidade na atividade turística, dotada de uma capacidade intrínseca de desenvolver o país e atribuir-lhe maior grau de civilização, a partir do final dessa mesma década o discurso acerca do turismo começa a mudar, emergindo um novo turismo e um novo sujeito turista que ascende juntamente com as novas conquistas das camadas médias urbanas. Nesse contexto, as iniciativas do Departamento de Turismo do Centro do Professorado Paulista, por exemplo, ganham grande destaque no jornal, que passa a realizar matérias sobre as excursões realizadas pela instituição a várias capitais brasileiras e a Buenos Aires, oferecendo pagamento em diversas prestações e facilidades ao alcance dessa categoria social que tem no turismo um de seus novos desejos.

Os pacotes oferecidos pelas agências anunciantes (incluindo hospedagem, alimentação, traslado e passeios guiados) viravam pauta para muitas matérias que noticiavam o desenvolvimento do turismo no Brasil, assim como os despachos e os debates envolvendo o Estado na organização do turismo em São Paulo e no país e as iniciativas de sociedades de turismo, como o Touring Club.

Depreende-se do exame das mais de 4000 referências ao turismo na Folha da Manhã e na Folha da Noite, no espaço temporal desta pesquisa, que o jornal, a partir de enunciados que conformavam uma determinada visão sobre o turismo e o turista, nas suas duas edições, contribuiu para a disseminação do turismo como um valor moderno no imaginário da sociedade paulistana, especialmente de seu público leitor, ao mesmo tempo em que apoiou as iniciativas de desenvolvimento do turismo no estado, ressaltando a capacidade empreendedora atribuída ao “espírito bandeirante” em seu esforço de projetar São Paulo como um dos principais destinos turísticos do país.

Referências

Periódicos

Folha da Manhã – 1930-1945. Disponível em <http://acervo.folha.com.br/> . Acesso em fevereiro, março, abril e maio de 2011.

Folha da Noite – 1930-1945. Disponível em <http://acervo.folha.com.br/> . Acesso em fevereiro, março, abril e maio de 2011.

Legislação

BRASIL. Decreto-Lei n.º 406, de 4 de maio de 1938.

Bibliografia

CAPELATO, Maria Helena e PRADO, Maria Ligia . **O bravo matutino**. Imprensa e ideologia no jornal O Estado de São Paulo. SP: Alfa-Omega, 1980.

LUCA, Tânia Regina. A história dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi (org.). **Fontes Históricas**. São Paulo: Contexto, 2005.

SEVCENKO, Nicolau. **Orfeu estático na metrópole**. São Paulo: sociedade e cultura nos primeiros anos 20. São Paulo: Cia das Letras, 1992.

SIRINELLI, Jean-François. Os intelectuais. In: REMOND, René. Por uma história política. Rio de Janeiro: UFRJ, 1996.

SODRÉ, Nelson Werneck. *História da imprensa no Brasil*. 4. ed.. Rio de Janeiro: Mauad, 1999.

VELLOSO, Monica Pimenta. **Modernismo no Rio de Janeiro**: turunas e quixotes. Rio de Janeiro: FGV, 1996.